

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A DIVERSIDADE ÉTNICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MINIMIZANDO
DESIGUALDADES OU DIFUNDINDO ESTEREÓTIPOS?

Bolsista: Arycia Giseli de Melo Sousa, FAPEAM

MANAUS – AM

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-SA/0106/2012

A DIVERSIDADE ÉTNICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MINIMIZANDO
DESIGUALDADES OU DIFUNDINDO ESTEREÓTIPOS?

Bolsista: Arycia Giseli de Melo Sousa, FAPEAM

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Antonia Silva de Lima

MANAUS – AM

2013

RESUMO

A diversidade étnica é uma das bases para o trabalho da Educação Infantil, visto que a função sociopolítica dessa etapa da educação básica se baseia no respeito, celebração e promoção das diferenças. Nesse sentido, os documentos oficiais do Ministério da Educação – MEC mostram-se de grande valia, direcionando e fundamentando a prática docente. Os objetivos desta pesquisa foram analisar as aproximações e distanciamentos de um determinado Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, para o trabalho com o tema diversidade étnica frente ao processo de formação pessoal e social da criança; identificar a visão dos professores em relação à importância do tema diversidade étnica para o processo de socialização da criança pequena no espaço da pré-escola e discutir se as metodologias utilizadas cooperam para a valorização das diversidades étnicas presentes em sala de aula. É explícita a heterogeneidade existente em nosso país, bem como a necessidade do tema efetivar-se nas instituições educacionais. O estudo foi realizado na cidade de Manaus - Amazonas. Para análise dos dados, utilizamos o conceito de etnia de Marx Weber; de etnocentrismo de Everardo Rocha, a análise histórica do termo raça de Poutignat e Streiff Fenart, e os documentos oficiais do MEC para as orientações didáticas referentes à diversidade étnica. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram a observação e a entrevista. Nos resultados, fica evidente a ausência do trabalho docente a partir das diversidades étnicas, apesar da maioria confirmar sua importância para o desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Diversidade étnica. Educação infantil. Etnia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
2 OBJETIVOS	07
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	08
3.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DE RAÇA E O CONCEITO DE ETNIA.....	08
3.2 O ETNOCENTRISMO	11
3.3 DIVERSIDADE ÉTNICA NO BRASIL	13
3.4 DIVERSIDADE ÉTNICA E A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	14
4 METODOLOGIA	17
4.1 O CONTEXTO DA PESQUISA.....	18
5 RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÕES.....	20
5.1 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DAS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DO CMEI.....	20
5.2 IDENTIFICAÇÃO DA VISÃO DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO À DIVERSIDADE ÉTNICA.....	25
5.3 DISCUSSÃO: AS METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS UTILIZADAS COOPERAM PARA A VALORIZAÇÃO DAS DIVERSIDADES ÉTNICAS PRESENTES NA SALA DE AULA.....	27
6 CONCLUSÃO.....	30
7 REFERÊNCIAS.....	32
8 CRONOGRAMA.....	35
9 APÊNDICES.....	37
9.1 APÊNDICE A.....	37
9.2 APÊNDICE B.....	38
10 ANEXO.....	39

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos as pesquisas em educação voltadas para o trabalho com as diferenças vêm se crescendo, sobretudo, na área da educação infantil. Esta, ao firmar sua função sociopolítica na sociedade contemporânea, colocou o trabalho na área partindo do respeito, aceitação e celebração das diversidades como a chave para uma educação de qualidade nessa primeira etapa da educação básica, visto que o mundo em que vivemos possui uma imensa heterogeneidade.

Partindo da diversidade étnica, mesmo com a existência desse pluralismo em nível mundial, as relações hierárquicas partidas de uma visão etnocêntrica são uma triste realidade histórica. O Brasil, devido seu processo de colonização, tem uma mista composição étnica, mas apesar de sua constituição, sabemos da existência do mito da democracia na sociedade brasileira: ao mesmo tempo em que sustentam a bandeira da igualdade e da coletividade, há uma postura individualista e discriminatória.

No âmbito educacional, é comprovado que a discriminação ainda persiste nas escolas brasileiras, gerando discussões à nível nacional o que fez com que houvesse uma necessidade de criação de documentos educacionais oficiais pertinentes à diversidade étnica como por exemplo a criação do Plano Nacional para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Nesse sentido, a educação infantil mostra sua importância, tendo o poder de inserir ou reforçar atitudes e comportamentos dos educandos. Estudos recentes comprovam que muitos hábitos apreendidos na educação infantil perduram por toda a vida. As instituições de educação infantil se tornam um espaço privilegiado para o rompimento de tratamentos hierárquicos e preconceituosos, visto que sua função parte do respeito e reconhecimento das diferenças de si e dos outros.

Reforçando essa proposta, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) colocam três princípios norteadores para as instituições:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades; Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (BRASIL, 2009, p.08)

Oportunizar às crianças pequenas o conhecimento acerca das diversas etnias existentes no Brasil, partindo da importância de cada uma para a formação social e cultural do povo brasileiro, além de valorizar as heranças étnicas existentes no ambiente escolar quanto

fora dele, são aprendizagens que colaboram categoricamente para que essas crianças tenham um bom desenvolvimento educacional, pessoal e social.

O estudo, inicialmente, foi projetado a partir de trabalhos de campo nos CMEI'S, de leituras de documentos oficiais para essas instituições, tendo como base a implícita discriminação em nosso país e, a nítida contribuição que a educação infantil pode exercer na criação de valores e hábitos. Surgiu o questionamento: os professores de educação infantil estão desenvolvendo um trabalho desprovido de preconceitos sobre a diversidade étnica, promovendo a igualdade ou estão difundindo estereótipos?

Buscamos, com isso, contribuir na avaliação de metodologias usadas para trabalhar a diversidade étnica na área da educação infantil, trazendo assim, reflexões dos educadores sobre suas práticas dentro da sala de aula relacionadas a este tema; e oferecer subsídios para as instituições de educação infantil, pois pretendemos oportunizar uma análise das metodologias e progressão sobre o tema referente.

2 OBJETIVOS

GERAL

- Analisar as aproximações e distanciamentos entre a realidade do CMEI e as proposições das DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL para o trabalho com o tema diversidade étnica frente ao processo de formação pessoal e social da criança;

ESPECÍFICOS

- Identificar a visão dos professores em relação à importância do tema diversidade étnica para o processo de socialização da criança pequena no espaço da pré-escola;
- Discutir se as metodologias e estratégias utilizadas cooperam para a valorização das diversidades étnicas presentes na sala de aula.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TERMO RAÇA E O CONCEITO DE ETNIA

Para fundamentarmos a pesquisa, procuramos não utilizar o termo raça por conta de diversas comunidades científicas (tanto biológicas quanto antropológicas) e organizações em geral condenarem o uso do termo nas ciências sociais, além deste termo estar, historicamente, relacionado a ideia de hierarquização e discriminação das características dos grupos humanos¹. Em 18 de julho de 1950, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco (1950, p. 01), publicou a Declaração das Raças:

A palavra “raça” designa um grupo ou uma população caracterizada por certas concentrações, relativas quanto à frequência e à distribuição, de genes ou de caracteres físicos que, no decorrer dos tempos, aparecem, variam e muitas vezes até desaparecem sob a influência de fatores de isolamento geográficos ou culturais.

Apesar da Declaração da Unesco comprovando o uso do termo para fins biológicos, e mesmo com a Associação Norte-Americana de Antropologia (1988) concluir que essa classificação deve ser desacreditada cientificamente na área das Ciências Humanas, “raça” não caiu em desuso no Brasil e tem sido utilizada para diversos tipos de classificação dos seres humanos em estudos/pesquisas das Ciências Sociais, partindo da característica de interesse do estudo, ou seja, este termo é utilizado tanto para classificação de características físicas, quanto para características culturais, sociais, religiosas ou linguísticas.

Raça, em seu sentido antropológico, não deve ser considerada objeto de estudo por si mesma como afirmam Poutignat e Streiff-Fenart (1998), mas sim quando “[...] entra na explicação do comportamento significativo dos homens uns em relação aos outros [...]”, ou seja, são as relações humanas baseadas na influência existente das variações fenotípicas que são objetos de estudo das ciências sociais.

¹ Geralmente o termo “raça” ainda é caracterizado como "um grupo de pessoas de comum ancestralidade, diferenciada dos outros por características físicas tais como tipo de cabelo, cor dos olhos e pele, estatura, etc." (WILSON, 1991)

Na busca pela não limitação do ser humano em nossa pesquisa, procuramos utilizar o termo *etnia*² na perspectiva da Antropologia Cultural a fim de abranger um conjunto de características inerentes aos seres humanos; desse modo, dada a complexidade do termo, o conceito que utilizaremos para embasarmos a pesquisa será o de Weber que em seu livro ‘Economia e Sociedade’, reelabora o conceito que foi criado por Vancher de Lapouge no início do século XIX (1886). Para Weber ([1921] 1994, p. 270), *étnico*³:

São [...] grupos humanos que, em virtude de semelhanças nos hábitos externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem mera crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva.

Ressaltamos como o Ministério da Educação – MEC conceitua os termos *raça* e *etnia*; o documento denominado “Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais” justifica o uso do termo *raça*:

É importante destacar que se entende por *raça* a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de *raça* cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado. Cabe esclarecer que o termo *raça* é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira. (BRASIL, 2006, p. 234)

Nessa citação, em particular, podemos perceber a exclusão do indígena nas construções das “tensas relações”, pois vemos claramente que o contexto é relacionado à sociedade brasileira, então como não citar os indígenas, que são os povos originais do nosso país, participantes do processo de construção de relações dentro do Brasil e que ainda são discriminados tanto quanto os negros?

O Estatuto da Igualdade Racial aprovado em 2010, destinado para a população negra; em suas disposições preliminares conceitua a discriminação racial como toda distinção voltada para a cor, descendência ou *etnia* e, em seu artigo 4^a, inciso V garante a promoção da população negra através de entre outras iniciativas a “[...] eliminação dos obstáculos históricos, socioculturais e institucionais que impedem a representação da diversidade étnica nas esferas pública e privada.” (BRASIL, 2010, p. 9). Por que o Estatuto da Igualdade Racial

² Em termos gerais, *étnico* é definido como "relativo ou característico de um grupo humano que tem certos traços raciais, religiosos, linguísticos, entre outros, em comum". (WILSON, 1991)

³ Em seu livro ‘Economia e Sociedade’, Weber conceitua *raça*, *etnia* e *nação* e, enquanto que para muitos antropólogos há diferença entre *etnia* e grupos étnicos; Weber difunde o conceito de *etnia* fundamentado na pertença étnica, que se equipara nos grupos étnicos.

foi criado e voltado para a eliminação de obstáculos históricos e socioculturais, se anteriormente o documento oficial do MEC afirma que tais obstáculos já foram superados?

É evidente o antagonismo do governo federal que em alguns momentos, nega a existência do preconceito étnico no Brasil nos dias atuais, mas ao mesmo tempo elabora programas, leis, estatutos, planos e diretrizes voltados para a superação da discriminação étnica. Além disso, todas as instâncias do governo negam a conotação impregnada no termo raça que já nos levou a cometer erros e pensar em classificações humanas hierárquicas.

Em relação ao termo etnia, Oliveira (2011), ao estudar a formação dos professores na perspectiva das raças⁴, baseando-se em diversos documentos dos órgãos governamentais e, a partir do Documento Referência (2004) do Conselho Nacional de Educação, conclui que a visão de etnia do MEC se encaixava no conceito de Munanga (2009): “Uma etnia é um conjunto de indivíduos que possuem em comum um ancestral, um território geográfico, uma língua, uma história, uma religião e uma cultura” (MUNANGA apud OLIVEIRA, 2011, p. 205).

Oliveira (2011, p. 205), completa:

Considerando-se a conceituação transcrita, a mesma se aplica com mais frequência a determinadas comunidades indígenas e a algumas comunidades quilombolas, mas este conceito não pode ser atribuído às comunidades urbanas, as quais foram muito mais afetadas pela dupla mestiçagem, isto é, pela mestiçagem biológica e cultural e portanto, não mantiveram as características atribuídas a um grupo étnico.

A interpretação de Oliveira (2011), acerca de etnia, compreende o termo etnia como imutável e não se aplicável na sociedade urbana. Essa representação é resultante da etnografia⁵ no Brasil ter sido usada, primeiramente, para estudo dos povos indígenas, bem como afirma Diegues Júnior (1972, p. 15) a própria etnografia surgiu a partir do interesse de estudar os povos ditos primitivos.

Nesse sentido, Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.23) ao fazerem a retrospectiva histórica do termo etnia; remetem-nos ao exemplo da Grécia Antiga em que “etnos” eram os bárbaros ou estrangeiros, e, não negando as raízes da etnia, os mesmos consideram que na “[...] medida em que o termo étnico sempre foi utilizado para designar as pessoas ‘diferentes de nós mesmos’ e na medida em que somos todos diferentes de outras pessoas, somos todos étnicos [...]” em outras palavras, pela diversidade ser hoje, reconhecida mundialmente, o

⁴ É comum pesquisadores/estudiosos brasileiros ainda utilizarem o termo raça.

⁵ Etnografia é o método de estudo antropológico de descrição de povos.

princípio primário do termo ‘etnia’ é de definir as características culturais de grupos humanos, sem exclusão, nem discriminação dos mesmos.

É necessário compreendermos, que o termo etnia, nas últimas décadas, tem ganhado maior espaço nas ciências sociais e que o seu conceito tem se ressignificado ao longo dos séculos. Ainda em determinados documentos dos órgãos governamentais da área educacional, utilizam-se os termos ‘raça’ e ‘etnia’ juntos, gerando a expressão “étnico-racial”:

[...] O emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, europeia e asiática. (CNE, 2004, p.13).

O intuito de se utilizar a expressão “étnico-racial” é de amenizar a conotação negativa da palavra raça e negada pelo documento citado anteriormente, assim, percebemos que há equívocos teóricos por parte dos órgãos governamentais ao levarmos em consideração seus conceitos de raça e etnia, que já estão defasados.

3.2 O ETNOCENTRISMO

A Antropologia, ao considerar que todas as culturas humanas tem o mesmo valor, trabalha na perspectiva do relativismo em que o etnocentrismo é caracterizado como “[...] uma visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência.” (ROCHA, 1986, p. 05).

Nossa concepção de etnocentrismo é de acordo com o entendimento de Lévi-Strauss (2008) que o considera como algo constante na história da humanidade, pois afirma que o mesmo tem base na mente do indivíduo. Rocha (1986) consolida o referido pensamento, afirmando que separamos em dois grupos o que identificamos: o grupo do “eu” ou do “nós” e o grupo do “outro”, essa separação envolve tanto o pensamento, quanto o sentimento. Ao percebermos algo novo, diferente ou estranho para nós, reagimos, no primeiro momento, de forma negativa, por isso a importância de se preocupar com esse fenômeno natural e não incentivá-lo em nenhum âmbito da vida humana.

Esse postura de eliminação da diversidade existente, acompanhou as antigas civilizações (e de certa forma, nos acompanha até hoje, mesmo que de forma velada), em que era imposta a visão evolucionista na Antropologia, visão essa tão criticada por Lévi-Strauss

pois nela a diversidade é vista como uma etapa de um processo em que no fim, não haverá espaço para a mesma, assim:

Por que, se tratarmos os diferentes estados em que se encontram as sociedades humanas, tanto antigas como longínquas, como *estágios ou etapas* de um desenvolvimento único que, partindo do mesmo ponto, devem convergir para o mesmo fim, vemos bem que a diversidade é apenas aparente. A humanidade torna-se uma e idêntica a si mesma, só que esta unidade a esta identidade não se podem realizar senão progressivamente e a variedade das culturas ilustra os momentos de um processo que dissimula uma realidade mais profunda ou retarda a sua manifestação (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.20).

No Brasil, é importante considerarmos que desde quando os portugueses o encontraram, foi imposto aos primeiros habitantes – os indígenas – uma única cultura. Na época do Brasil Colônia, o país era considerado “[...] um todo orgânico territorialmente unido e culturalmente uno” (DIÉGUES JÚNIOR, 1972, p. 30). Tal imposição era típica dos europeus quando encontravam povos que fugiam dos seus padrões de cultura, ou seja, o outro era considerado estranho, primitivo.

Também ressaltamos que nosso país foi formado não só pelos indígenas e portugueses, mas por diversos povos, etnias e nações (africanos, japoneses, alemães, suíços, holandeses, espanhóis, coreanos etc.). Os portugueses não consideravam a diversidade em nenhuma perspectiva, trazendo consequências que perduram até os dias atuais. Devido a essa formação pluriétnica do Brasil, vários documentos oficiais com políticas afirmativas, vem sendo criados na perspectiva das diversas etnias presentes em seu território.

Destacamos um documento que contempla a faixa etária da referida pesquisa: o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (2009), que no artigo 5º em seu Título I, nas disposições preliminares garante que “[...] nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação [...]” (BRASIL, 2009, p. 11); no Título II em seu capítulo IV, dispõe-se do direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, afirmando a necessidade do processo educacional ter componentes culturais, histórico e sociais, afirmando assim, a identidade da criança no contexto em que ela está inserida e utilizando a diversidade como eixo principal para a criação desse diálogo.

Mesmo com tanta pluralidade em todos os aspectos no Brasil, e políticas criadas para a tentativa de superação de preconceitos, estudos comprovam que ainda há uma postura etnocêntrica firmada em nossa sociedade, ou seja “[...] preferimos repetir da cultura tudo o que esteja conforme a norma sob a qual se vive.” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.18).

Pesquisas recentes evidenciam que as teorias raciais tecidas ao longo do século XIX, hoje já desacreditadas cientificamente, ainda estão penetradas no pensamento social do

brasileiro, o que, conseqüentemente, afeta as discriminações inter-relacionadas com as características fenotípicas do ser humano, como é o caso da etnia. Dado o conceito obsoleto ainda presente de inferioridade e superioridade de culturas no Brasil, percebemos a falta de compreensão do outro como alguém com direitos de pertencer e ser.

3.3 DIVERSIDADE ÉTNICA NO BRASIL

Formado por diversas etnias, o brasileiro, que mesmo sendo descendente de indígena, europeu, asiático ou africano, sua identidade étnico-cultural é uma só, a brasileira, composta por uma imensa mistura que é considerada a marca do Brasil. Para Ribeiro (2006), talvez o primeiro brasileiro foi mameluco⁶ que, consciente de si:

[...] esse brasilíndio mestiço na carne e no espírito, que não podendo identificar-se com os que foram seus ancestrais americanos – que ele desprezava –, nem com os europeus – que o desprezavam –, e sendo objeto de mofa dos reinóis e dos lusonativos, via-se condenado à pretensão de ser o que não era nem existia: o brasileiro. (RIBEIRO, 2006, p. 114-115)

Apesar de um passado permissivo diante do preconceito, nosso país hoje reconhece a necessidade do respeito e aceitação da diversidade, na Constituição da República Federativa de 1988, em seu preâmbulo, já declara o país como pluriétnico e multicultural; no art. 215, § 3º, inciso V é garantida “A valorização da diversidade étnica e regional. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)”.

O art. 5º promove o tratamento igualitário das pessoas independente das diferenças existentes na sociedade: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.” (BRASIL, 1988).

Se a Carta Magna da nação brasileira reconhece e dá direitos a todos, espera-se que tudo se volte para a valorização e respeito às diferenças; mas mesmo com a Constituição, leis e normas criadas, sabemos das dificuldades encontradas das etnias de menor proporção: discriminação e preconceito; muitas destas, especificadamente indígenas, já sofreram a transfiguração étnica conforme relata Ribeiro (2006) em suas pesquisas, ou seja, foram dizimadas.

De acordo com Giroux (1999), ainda estamos sob a influência do olhar colonizador e, enquanto, assim, estivermos, não poderemos ter um discurso livre de preconceito e

⁶ No Brasil, mameluco significa o indivíduo que possui uma ascendência indígena e branca; mestiço ou filho de branco com índio.

aceitação do múltiplo em nossa sociedade. Dito isso, percebemos como a sociedade em que vivemos ainda é discriminatória e excludente, e a escola torna-se um dos instrumentos para que haja mudanças de tais posturas.

3.3 DIVERSIDADE ÉTNICA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Nas últimas décadas, a Educação Infantil tem recebido destaque por parte das políticas públicas educacionais. Em todos os documentos criados, ressalta-se a importância de se levar em conta diferenças, diversidades e desigualdades existentes no país e das suas diversas culturas. Tal momento indica a mudança de cenário que ocorreu com essa etapa da educação básica desde o século passado, em que a concepção de “infâncias” e de “criança pequena” se consolidaram, considerando as crianças como atores sociais.

Partindo do conceito de Educação Infantil na contemporaneidade, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI, fundamentando-se na Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (1996), estabelecem três princípios norteadores: éticos, políticos e estéticos. Todos eles se apoiam na diversidade, ou seja, conseqüentemente, todo o documento está embasado no trabalho a partir das, entre outras diversidades, a étnica.

O Referencial Nacional para a Educação Infantil - RCNEI, relata as práticas correntes nas instituições de educação infantil com relação ao tema referente. O documento narra que muitos acabam por criar estereótipos a partir do modo como o tema é trabalhado: de forma desvinculada das relações cotidianas, da cultura, desconsiderando o interesse das crianças sobre o assunto. O documento ressalta:

É importante que as crianças tenham contato com diferentes elementos, fenômenos e acontecimentos do mundo, sejam instigadas por questões significativas para observá-los e explicá-los e tenham acesso a modos variados de compreendê-los e representá-los. (BRASIL, 1998, p. 166)

Para que o trabalho ocorra de forma plena, é indispensável que o professor apresente os conhecimentos culturais da sociedade do presente e do passado, para que assim, a criança possa reconhecer as semelhanças e diferenças entres os conhecimentos construídos entre diversos povos, proporcionando-lhes diferenciar as explicações do senso comum e conhecimento científico, sem estabelecimentos de hierarquias.

A curiosidade das crianças, bem como a vontade de investigação sobre os mais diversos assuntos, acabam por colaborar nas propostas educacionais para a educação infantil na atualidade. Nesse sentido, o processo de formulação e reformulação é imprescindível, pois

está ligado à contextualização dos conhecimentos trabalhados em sala de aula. Assim, a diversidade étnica torna-se importante pois está intimamente ligada ao cotidiano das crianças.

O trabalho com a diversidade étnica está inserida no eixo “natureza e sociedade” do RCNEI, no bloco “organização dos grupos e seu modo de ser, viver e trabalhar” podendo ser trabalhado de forma integrada com os demais blocos do eixo. Nas orientações gerais para o professor, o documento ratifica, docente ter o conhecimento atualizado dessa área, e repensar suas metodologias a cada avaliação feita. Nesse sentido, Pimenta (2002) aponta-nos a necessidade de reflexão do professor, pois é através desse repensar que, podemos estabelecer estratégias para proporcionarmos a construção de novos conhecimentos e ampliação dos que as crianças já possuem.

O próprio currículo da educação infantil é concebido de forma articulada com as diversidades existentes no contexto da instituição escolar, com o objetivo de desenvolver integralmente as crianças. O artigo 8º, parágrafo 1º das DCNEI’s destacam a necessidade de apropriação por parte da crianças das contribuições dos povos que originaram o Brasil, bem como a valorização, reconhecimento e respeito dos mesmos. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas (2004) também consideram a diversidade essencial para um trabalho efetivo, priorizando, assim, as diferenças para utilização de metodologias que contribuem a aprendizagem significativa. Ressalta, ainda que,

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. (BRASIL, 2004, p. 15)

O documento do Ministério da Educação intitulado “Educação Infantil, igualdade racial e diversidade” afirma que pensando no currículo singular das crianças pequenas, devemos pensar na criança como um ser que “[...] desenvolve e produz cultura a partir das oportunidades e das experiências vivenciadas [...]” dessa forma, a diversidade étnica estar incluída integralmente no currículo é essencial para a construção da identidade social das crianças visto que “[...] a criança é participante ativa da construção da história no aqui e agora, sendo ativa em seu processo de humanização a partir de elementos apreendidos por meio de seus pertencimentos de classe social, de grupos étnico-raciais e de gênero.” (BRASIL, p.122).

Se pensávamos que o preconceito estava superado na prática escolar das instituições de educação infantil após a inserção do tema em todas as políticas públicas educacionais para a minimização de preconceitos, vimos sua presença conforme nos mostram os dados quantitativos e qualitativos de estudos voltados para essa temática. E por sua presença que há necessidade de trabalho com a diversidade em sala de aula.

Dessa forma, quanto mais trabalharmos o reconhecimento, a promoção e a valorização da diversidade étnica, mais possibilitaremos às crianças o desenvolvimento das suas potencialidades, contribuindo, assim, para a criação de uma sociedade mais solidária e respeitadora das diferenças.

4 METODOLOGIA

Para a realização do estudo, usamos a abordagem qualitativa, partindo da premissa de que este tipo de pesquisa é a que nos ajuda a apreender os fenômenos sociais e os sujeitos envolvidos nele. Como relembra Fazenda (2008), “[...] pode-se dizer que os dados coletados ao decorrer da pesquisa de cunho qualitativo, abrangem os sujeitos em suas especificidades, baseados nas relações estabelecidas no meio social em que vivem”.

Utilizamos como caminho metodológico o estudo de caso, que como afirma Diehl e Tatim, (2004, p. 61): “[...] pode ser definido como um conjunto de dados que descrevem uma fase ou a totalidade do processo social de uma unidade, em suas diversas relações internas e em suas fixações culturais.”. Para o alcance dos objetivos propostos, utilizamos como caminho metodológico a pesquisa de campo; que é de suma importância sua complementação com uma efetiva pesquisa bibliográfica, bem como ter definidas as técnicas para a coleta (instrumentos), registros e análise dos dados (MARCONI e LAKATOS, 2010).

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a entrevista semiestruturada e a observação dirigida, pois através desses instrumentos reunimos “características que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece as informações” (TRIVIÑOS, 1995, p.138). Dessa maneira, entrevistamos 7 professores do 1º e 2º período (novembro e dezembro) observamos suas respectivas salas (setembro, outubro e novembro), que totalizam 127 crianças do quadro do turno vespertino do Centro Municipal de Educação Infantil Beta⁷. O fato de a escolha do turno vespertino se dá pela bolsista estudar pela parte da manhã.

A escolha do CMEI se deu por conta de projetos de aprendizagem que lá foram realizados pela bolsista da pesquisa em disciplinas do 4º período do Curso de Pedagogia, bem como por colegas de turma, além de uma professora da UFAM/FACED ter um projeto de extensão em andamento naquela instituição. Desse modo, visto a visibilidade que o CMEI possui pela UFAM/FACED, surgiu o interesse em realizar a referida pesquisa naquele espaço.

Optamos como método de pesquisa pela fenomenologia que, segundo Fazenda (2008), este modo de investigação favorece ao pesquisador compreender, detalhadamente, o fenômeno a ser estudado, em que se busca interpretá-lo na sua essência, com a condição de retomá-lo, sempre que for necessário, sob nova interpretação. Os passos desenvolvidos ao longo da pesquisa foram:

⁷ O nome do CMEI é fictício para preservar a identidade da mesma.

- ✓ Levantamento bibliográfico dos autores que estão nos auxiliando na pesquisa acerca da temática estudada (passo permanente);
- ✓ observação dirigida dentro das sete salas de aula para verificação das metodologias e estratégias utilizadas, bem como as atitudes e comportamentos das crianças acerca do tema tratado;
- ✓ entrevista semiestruturada com os professores, identificando a visão de cada um sobre a importância do tema diversidade étnica na formação da criança pequena, bem como buscar identificar nas falas o que eles relatam sobre como estão trabalhando o tema em tela;
- ✓ sistematização dos dados;
- ✓ análise dos dados coletados-sistematizados.

Para a análise dos dados, utilizamos a análise do conteúdo, onde surgem categorias, no decorrer do processo de observação e, juntamente com outras, já pré-determinadas, serviram para melhor descrever os dados oriundos das variáveis qualitativas e quantitativas, Bardin (1977, p.38) detalha com clareza essa observação, quando nos diz que “A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de percepção das mensagens, inferências estas que recorrem a indicadores (quantitativos, ou não)”.

Assim, analisamos as contradições entre a realidade do CMEI e as proposições das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil para o trabalho com o tema estudado frente ao processo de formação pessoal e social da criança. Através das entrevistas semiestruturadas, identificamos as visões dos professores e a partir da observação dirigida, analisamos suas falas e suas atitudes em sala de aula, bem como as metodologias utilizadas.

4.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em 7 salas do Centro Municipal de Educação Infantil Beta, localizado na av. Penetração 3, s/nº -Cj 31 de março – Japiim – Manaus. O Centro é composto por 17 funcionários, 1 pedagoga, 1 diretora, 16 professores e são matriculadas 252 crianças.

Ele é dividido em 2 blocos (A e B). No 1º bloco localizam-se 6 salas de aula, 1 sala de agente da saúde, 1 sala de diretoria, 1 sala de depósito, 3 banheiros (sendo 1 para pessoas

com necessidades especiais físicas), 1 sala de área de apoio, 1 bebedouro, 2 murais, 1 parquinho e o portão de entrada das crianças.

Há um espaço entre os 2 blocos em que se compreendem 1 tanque, 1 reservatório de água e 5 chuveiros, sendo que próximo aos chuveiros há um espaço onde as crianças têm aula de educação física. No 2º bloco localizam-se mais 6 salas de aula, 3 banheiros (sendo 1 para funcionários), 1 sala de secretaria, 1 bebedouro, 1 geladeira, 1 escovódromo, 1 cozinha, 1 biblioteca, 1 refeitório com 6 mesas e cada mesa com 4 jogos de banco, 4 murais, 1 área reservada para recreação, 1 sala de informática e o portão de entrada dos funcionários.

As 7 salas utilizadas para o estudo possuem 6 lâmpadas e todas funcionam, 4 jogos de mesas e cadeiras, ar-condicionado, 2 armários, 1 mesa com cadeira para a professora.

5 RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÕES

A partir dos dados coletados com as entrevistas e as observações realizadas no CMEI, local da pesquisa, bem como da análise, tendo como base primordial, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, chegamos aos resultados que a seguir serão apresentados. A pesquisa foi realizada, totalizando 134 sujeitos (7 professores e 127 crianças) investigados. Tivemos dificuldade nas observações devido às semanas de aula quase nunca se completarem, por conta das festividades, comemorações de datas, planejamentos, reuniões, dedetizações, eleições municipais, entre outros fatores, que acabaram por dificultar a frequência das observações, mas procuramos repor no mês seguinte.

O levantamento bibliográfico, do presente estudo, teve início no mês de agosto de 2012 e para o aperfeiçoamento da pesquisa, perdurou até junho de 2013. Dada a complexidade do tema, buscamos consultar obras antropológicas de modo que nos dessem a compreensão exata da dimensão dos conceitos que abordamos. Além desses livros, utilizamos os documentos oficiais do Ministério da Educação, a legislação do país voltada para o tema, bem como pesquisas voltadas para essa área, livros e estudos voltados para a Educação Infantil, além de artigos e livros digitais.

5.1 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DAS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DO CMEI

Analizamos as aproximações e distanciamentos entre a realidade do CMEI e as proposições das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil para o trabalho com o tema diversidade étnica, frente ao processo de formação pessoal e social da criança. O primeiro ponto diz respeito a importância do tema diversidade étnica pela frequência que é trabalhado na sala de aula. Durante os 3 meses, das 7 turmas observadas, não identificamos nenhum professor trabalhando a diversidade étnica com qualidade pedagógica.

As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (2009, p. 05) colocam o art. 3º, inciso I da Constituição Federal, que dispõe acerca do projeto de sociedade democrática, como uma das responsabilidades das instituições de Educação Infantil: desenvolver um papel ativo na construção de uma sociedade livre, justa, solidária, etc., rompendo, assim, “[...] relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística religiosa que ainda marcam nossa sociedade.” (BRASIL, 2009, p. 06).

O pilar da Educação Infantil equipara-se em três princípios fundamentais como já mencionamos no presente estudo: éticos, políticos e estéticos. Os éticos voltam-se, entre outras coisas, para a valorização do respeito ao bem comum e às diferentes culturas, identidades e singularidades; os políticos destacamos a formação para a cidadania, no sentido de se voltar para a perspectiva do outro; os estéticos tomam a importância de se valorizar a sensibilidade e a diversidade das manifestações artísticas e culturais.

A base da educação infantil é valorizar, respeitar e celebrar as diversidades existentes no âmbito escolar, bem como fora dele. Dito isso, um dos inerentes compromissos a serem perseguidos pelas instituições dessa etapa é trabalhar a diversidade étnica, visto que a pluralidade é clara em qualquer contexto brasileiro e o tema fornece ampla contribuição para a formação pessoal e social das crianças pequenas.

Destacamos a primeira quinzena do mês de novembro, em que o planejamento do CMEI teve como base o dia da consciência negra (a data oficial é 20 de novembro). Apesar do enfoque na participação dos negros na composição do Brasil. Nenhum dos professores relacionou essa diversidade com as diferenças existentes em sala de aula ou na comunidade, e ainda reforçaram existência de raça como classificação humana. Portanto, vimos que o CMEI não dá a devida importância para o trabalho com a diversidade étnica.

O segundo ponto, remete-nos à utilização que o CMEI faz de algum objetivo ou propostas de trabalho das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (ou de algum documento oficial do MEC), como base para o planejamento das atividades. Nos objetivos dos planejamentos da instituição, percebemos uma conexão com as referidas Diretrizes e com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, mas ao cumprirmos os planejamentos, as metodologias utilizadas (serão analisadas no segundo e terceiro sub itens) não alcançavam os objetivos propostos, além da avaliação que não ocorria.

As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil dispõe sobre o objetivo principal desse nível educacional: promover o desenvolvimento integral das crianças, garantindo, assim, o acesso a processos de construção de conhecimentos e a aprendizagem das múltiplas linguagens, assim como os direitos fundamentais a todo ser humano. O objetivo primordial do documento é, essencialmente, ligado as condições de organização curricular; priorizamos, somente, a condição dois para análise do segundo ponto: “O combate ao racismo e as discriminações de gênero, socioeconômicas, étnico-raciais e religiosas deve ser objeto de constante reflexão e intervenção no cotidiano da Educação Infantil.” (BRASIL, 2009, p. 10).

O referido documento faz referência da necessidade do cumprimento das condições para o alcance do objetivo geral. Assim, partindo desse pressuposto e, relacionando-o com a

segunda condição, devemos dispor de metodologias que promovam para as crianças “[...] a construção por elas de uma relação positiva com seus grupos de pertencimentos [...]” e ampliação do “[...] olhar das crianças desde cedo para a contribuição de diferentes povos e culturas” (BRASIL, 2009, p.10). Dessa forma, apesar dos objetivos dos planejamentos do CMEI estarem interligados com os documentos, as metodologias utilizadas, os critérios de seleção de conteúdo e o fato de a avaliação não ocorrer, prejudica o encaminhamento do trabalho do professor, bem como as verificações de aprendizagem das crianças.

O terceiro ponto refere-se a como os professores têm explorado o tema diversidade étnica com as crianças e quais atividades são desenvolvidas. Como mencionamos, anteriormente, observamos a ausência de um trabalho voltado para diversidade étnica. Mencionamos também que a primeira quinzena de novembro foi voltada para o trabalho sobre os negros, devido o dia 20 de novembro (dia da consciência negra), ou seja, houve a fragmentação do tema, pois deram enfoque apenas para uma das características fenotípicas de seres humanos e não trabalharam a etnia.

É importante destacarmos que os próprios documentos oficiais do Ministério da Educação trabalham na perspectiva de raças humanas, logo, podemos entender o equívoco teórico. Mas, com relação às propostas de metodologias, os documentos apresentam um leque de possibilidades para o trabalho com a diversidade étnica.

As atividades desenvolvidas, nesse período, foram: ensaio para a dramatização da história infantil “Menina bonita do laço de fita” feita pelas crianças para o evento da consciência negra, apresentação em sala de aula dos instrumentos dos africanos e indígenas, utilização de cartazes sobre negros conhecidos no país, pesquisa, recorte e colagem sobre os negros.

Na busca pelo desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares (2009) colocam a necessidade de participação das crianças nas atividades, interações entre elas e o professor, gerando, assim, experiências concretas proporcionando aprendizagens significativas. Percebemos que na maioria das atividades as crianças não participaram efetivamente; a dramatização foi ensaiada de modo cansativo e as crianças não queriam fazê-la, os cartazes os professores os trouxeram de suas respectivas casas e houveram as exposições longas e fadigas, a pesquisa, o recorte e a colagem foram tarefas para casa.

A atividade que chamou a atenção das crianças foi a de apresentação dos instrumentos dos africanos e indígenas. Elas puderam manusear os instrumentos e tocá-los, formaram uma “bandinha” e trocavam os instrumentos a cada música tocada, mas a

professora não sabia dizer quais instrumentos eram de origem africana ou indígena e as crianças não entenderam a situação, além do enfoque do planejamento institucional, naquela quinzena, ser para os negros. A professora, ao apresentar os instrumentos, informou: “são instrumentos pouco usados porque são instrumentos criados pelos negros e pelos índios” (fala da professora).

A fala preconceituosa por parte da professora, afirmando erroneamente o pouco uso dos instrumentos feitos pelos africanos e indígenas por parte da sociedade, mostra como não houve uma preocupação com a veracidade do conhecimento repassado. O Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS, criado para subsidiar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, ratifica a imprescindibilidade da ética da responsabilidade por parte do professor da educação infantil, orientando-nos a uma pedagogia em que devemos: “sugerir, propor, analisar, assumir a complexidade dos processos de aprender as regras e avaliar a coerência delas. Não é só julgar, mas também qualificar e valorar esses julgamentos.” (BRASIL, 2009, p. 109)

Dessa forma, observamos a ausência de plano de aula e a falta do que é essencial na educação infantil: metodologias que acarretem em interações e criação de relações com o cotidiano das crianças. Havia também a falta de avaliação e compromisso no repasse de conhecimentos significativos.

O quarto ponto faz referência acerca dos preconceitos étnicos que se manifestam com mais frequência dentro da sala de aula. Em todas as salas pouco percebemos sobre preconceito. Nos três meses em que observamos a prática das professoras em sala de aula, as crianças ficavam sentadas em suas mesas e só levantavam para ir ao banheiro, hora da merenda ou entrega de tarefas (escrita e identificação do nome, das vogais e dos números de 1 a 10). Somente na hora da merenda que percebemos rejeições de algumas crianças em relação a outras, mas para verificação real da presença de preconceito étnico, seria necessário, que na sala de aula se permitisse a interação entre as mesmas, conversas e atitudes, mas as salas de aula do CMEI estudado, em muitos momentos, não se admitia tais condutas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) criticam negativamente essa rotinas padronizadas por se caracterizar como um controle social em que as instituições priorizam a disciplina e a submissão, deixando à marginal os conhecimentos, saberes, aprendizagens e, principalmente, a participação e interação das crianças entre si e entre elas e o professor. O documento faz referência a necessidade da criança de locomoção e movimentação para a contemplação das diversidades:

A criança deve ter a possibilidade de fazer deslocamentos e movimentos amplos nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição, envolver-se em explorações e brincadeira com objetos e materiais diversificados que contemplem [...] as diversidades sociais, culturais, étnico-raciais e linguísticas das crianças, famílias e comunidade regional. (BRASIL, 2009, p.14)

Em suma, essas atitudes adultocêntricas, acabam por inibir o comportamento natural das crianças, prejudicando avaliações concretas e interações significativas. Em outras palavras, detectar preconceitos em salas de aula como essas, necessitaria de mais do que o instrumento de observação.

O quinto ponto diz respeito às estratégias que os professores utilizam para contornar situações de preconceito étnico na sala de aula. O sexto ponto refere-se ao interesse das crianças ao se trabalhar a diversidade étnica e as mudanças de comportamento no cotidiano do CMEI, relacionadas ao tema. Como já ponderado anteriormente, o CMEI em muitas ocasiões não permite tais interações, que nos ajudam a comportar a indicação da existência do preconceito étnico. Mencionamos também o fato dos professores não trabalharem o tema, dificultando assim, o conhecimento acerca do preconceito existente em sala de aula, as estratégias utilizadas, bem como as mudanças de comportamento.

Nas ocasiões em que se apresentem tais preconceitos, as Diretrizes direcionam para a ocorrência do diálogo, aprendendo, assim, a lidar com os conflitos, proporcionando experiências para o entendimento dos direitos, deveres e vivência coletiva que constitui a diversidade.

O sétimo e último ponto nos remete às metodologias utilizadas: se as mesmas têm contribuído para o alcance dos objetivos estabelecidos no RCNEI e nas Diretrizes Curriculares para esta temática. As metodologias utilizadas em busca da valorização, promoção, aceitação da diversidade étnica (conforme determinam o RCNEI e as DCNEI's), foram apenas as mencionadas anteriormente: atividades voltadas para a semana da consciência negra nas escolas. Apesar dos objetivos das DCNEI's e do RCNEI estarem sempre presentes nos planejamentos mensais do CMEI, é evidente que não há uma preocupação por parte dos docentes em cumprir o planejamento, e os planos de aulas são esvaziados de metodologias adequadas para a faixa etária (4-5 anos).

Portanto, frente às análises concluídas, é evidente que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil é conhecida e reconhecida pelos professores como um documento de relevância para a prática pedagógica, mas que apesar de usada nos planejamentos, a mesma não é posta em prática em nenhum momento nas salas de aula. Assim, a diversidade étnica não é explorada enquanto temática no espaço do CMEI.

5.2 IDENTIFICAÇÃO DA VISÃO DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO À DIVERSIDADE ÉTNICA

Para a identificação da visão dos professores em relação a importância do tema diversidade étnica para o processo de socialização da criança pequena no espaço da pré-escola, utilizamos a entrevista e a partir da observação dirigida, estamos relacionando suas falas com as suas ações em sala de aula.

Não há importância no tema diversidade étnica na sala de aula para a maioria dos professores entrevistados, pois os mesmos acreditam que há outros preconceitos mais “problemáticos” a se preocupar. Uma professora citou o preconceito socioeconômico como o mais preocupante em sua sala de aula e apenas 1 afirmou a importância do referido tema, visto que seus alunos também têm colegas negros. Verificamos a concordância das falas com as atitudes, visto que, por não acharem importante, não trabalham o tema com as crianças. A fala de um dos professores sobre os negros, nos mostra como o termo etnia é compreendido de forma limitada (cor).

Para Kramer (2005), diversos fatores desempenham uma influência na construção do conhecimento das crianças, entre eles está a etnia. Devido a sala de aula brasileira apresentar uma marcante diversidade, o professor não deve ignorá-la, pelo contrário, deve trabalhar de forma ética e comprometida, construindo reconhecimento e valorização frente à realidade da nossa sociedade, possibilitando aos pequenos ampliação da noção do meio social em que os mesmos estão inseridos.

Todos os docentes concordam com os objetivos dos documentos oficiais do MEC (RCNEI E DCNEI's) e afirmaram utilizá-los para o planejamento das atividades com as crianças. Houve uma não compatibilidade entre o falado e o observado visto que percebemos por vezes, a ausência de planos de aula, ou quando havia, os objetivos eram na perspectiva da escrita de letras e números. Neste sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas (2004, p.15) afirmam:

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Tem que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnicorraciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas.

Apesar de a maioria afirmar no primeiro questionamento que não consideram o tema importante, os professores informaram que trabalham a diversidade étnica sempre que acham necessário mas que não há uma frequência exata. A observação compete com as respostas, visto que observamos a ausência de assiduidade com o tema.

Dois professores afirmaram não explorar o tema por acreditar na superação do preconceito étnico em nossa sociedade, os demais professores informaram que em casos de trabalho com o tema, o exploram através de histórias, músicas, jogos e interações das crianças. O falado não converge com o observado, pois nos poucos momentos em que identificamos o trabalho com a diversidade étnica, só houve exploração do tema através de contação de histórias e exposições de figuras de pessoas de algumas etnias.

Toda diversidade deve ser utilizada para o enriquecimento do trabalho em sala de aula, mas para que isso aconteça o trabalho educativo deve ser de qualidade. ARCE (2007) nos remete a necessidade do professor possuir amplo capital cultural a fim de proporcionar o novo para a criança e ajudá-la na compreensão dos diferentes contextos sociais. Possuir saberes teóricos e práticos sólidos oportuniza ao professor explorar a diversidade de diversas formas, mobilizando e oportunizando momentos que promovem experiências educativas livres de preconceito e discriminação, contextualizando-o com a realidade da sala de aula.

Ao serem questionados sobre quais preconceitos étnicos se manifestam com mais frequência dentro da sala de aula e como as crianças reagem quando isso acontece, os professores afirmaram que raramente acontece e que quando ocorre; as estratégias que utilizam para contornar a situação é a conversa com as crianças envolvidas.

Como citamos no tópico anterior, raramente era permitida uma aproximação entre as crianças, além disso, os professores não estavam atentos às poucas conversas e “brigas” entre as crianças, o que nos remete a afirmações contraditórias informando em um primeiro momento que não há preconceito no CMEI e em outros, afirmam que a discriminação é rara mas acontece.

BASTOS (2010) remete-nos à necessidade de o docente refletir e observar os processos de apropriação do meio social das crianças, uma vez os mesmos as reconhecem como sujeitos ativos na sociedade. Dessa forma, ter um professor preocupado com as ações das crianças, colabora na intervenção pedagógica e no repasse de informações adultas necessárias “[...] pois da mesma forma que o mundo atua sobre as crianças, as crianças também participam desse mundo como sujeitos atuantes. Assim, precisam ser estimuladas e mediadas nesse processo [...]” (BASTOS, 2010, p. 26).

Ao serem abordados se as crianças se mostram abertas ao trabalho com a diversidade étnica e quais mudanças de comportamento relacionadas ao tema elas têm revelado no cotidiano do CMEI, os professores dizem que as mesmas se interessam bastante pelo assunto e que a cada atividade realizada, elas se mostram abertas à aceitação da diversidade no contexto escolar.

Movidas pela curiosidade e interesse, as crianças percebem a diversidade marcante presente em sala de aula; por isso a diversidade étnica deve ser trabalhada no dia-a-dia do CMEI, para ensiná-las a conviverem entre si, valorizando e ampliando suas noções de diversidade e alteridade. Conseqüentemente, as mudanças de comportamentos no cotidiano da instituição pode ser nítida. “[...] Explorar essa diversidade torna-se tarefa fácil no ambiente da educação infantil, visto a diversidade de recursos a serem utilizados e a espontaneidade das crianças que frequentam a escola nessa fase [...]” (BASTOS, 2010, p. 34).

Ao perguntarmos se as metodologias utilizadas têm contribuído para o alcance dos objetivos estabelecidos no RCNEI e nas Diretrizes Curriculares, todos os professores concordam que os objetivos são alcançados e que as metodologias colaboram para tal.

O Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil (2009), afirma que partindo do objetivo dessa etapa da educação básica que é a aprendizagem em parceria, o viver em conjunto e aceitação da pluralidade na sociedade, “[...] torna-se importante escolher metodologias que favoreçam – e ofereçam – experiências de aprendizagem através da co-construção lúdica [...]”.

Assim, observamos que, por muitas vezes, o falado não compete com o que foi observado. Os professores não exploram de modo efetivo a diversidade étnica e, acabam por não explorar os campos de aprendizagem das crianças da educação infantil, limitando-se, apenas, ao ensino de letras e números, desassociados da realidade. A relação de pertencimento das crianças é pouco desenvolvida no CMEI, o que ocasiona menos garantias de favorecimento no coletivo de aprendizagens menos preconceituosas.

5.3 DISCUSSÃO: AS METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS UTILIZADAS COOPERAM PARA A VALORIZAÇÃO DAS DIVERSIDADES ÉTNICAS PRESENTES NA SALA DE AULA?

Para a discussão acerca das metodologias e estratégias utilizadas, utilizamos a observação dirigida. Durante os três meses, pouco se desenvolveu acerca do tema diversidade étnica na sala de aula, e no pouco trabalhado percebemos a fuga da realidade, o preconceito

nas falas dos docentes (através das entrevistas e da observação) e a nítida falsa afirmação de que não há discriminação na escola, portanto, não consideram necessário tema

Observamos a ausência de metodologias e estratégias para a diversidade étnica que acarretem em valorizações da diversidade presente no contexto escolar. Como informado anteriormente, na primeira quinzena do mês de novembro, houve um planejamento no CMEI que teve como base o dia da consciência negra (20 de novembro). E como relatado, houve somente um enfoque na composição do Brasil, incluindo os negros. Nenhum docente relacionou a diversidade étnica com o cotidiano do CMEI ou com a sala de aula.

As metodologias desenvolvidas, nos 3 meses observados; foram a exposição, através de cartazes; mostra de instrumentos de indígenas e africanos, e pesquisa acerca dos negros famosos no Brasil. Não houve uma preocupação com as metodologias e estratégias usadas para a construção do conhecimento, o CMEI se mostrou aberto a apenas o ensino de letras e números. Para Arce (2007, p. 19), professor é quem “[...] mobiliza e oportuniza situações e espaços de aprendizagem, articulando os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas [...] utilizando de metodologias que levem em consideração [...] as singularidades de cada ser criança, bem como a diversidade social, étnica, costumes e valores presentes na sala de aula, trabalhando com o respeito às diferenças e promovendo a socialização.”

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil afirma acerca do papel do docente no CMEI: “Na instituição de educação infantil o professor, constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente, cuja função é propiciar e garantir um ambiente, rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas.” (RCNEI, 1998, p. 30).

Dessa forma, é imprescindível que o professor planeje quais metodologias irá utilizar na sala de aula da educação infantil. Nesse sentido,

O professor aqui planeja antes de entrar em sala, prepara-se estudando os conteúdos, desenvolvendo estratégias de ensino e buscando metodologias eficazes para a aprendizagem. Enfim, ele sabe que o desenvolvimento de suas crianças será marcado pelo seu trabalho intencional em sala de aula. Desde o momento em que entra na escola, o professor tem plena consciência de que precisa estar 100% com as crianças, que suas atitudes, sua fala reverberam na humanização das crianças sob sua responsabilidade. (ARCE, 2007, p. 35)

É necessário que o docente busque estratégias que auxiliem a refletir sobre sua prática pedagógica. Libâneo (2004) nos ajuda a pensar sobre as questões didáticas que devem ser observadas pelo professor que tem o compromisso de levar a sério o seu ofício de mestre. Ele nos diz que a didática é importantíssima para que a aprendizagem e o ensino sejam

agilizados na sala de aula. Se os professores não planejam suas atividades, como querem que a criança avance no seu aprendizado de forma sistematizada. Como se vai trabalhar a temática diversidade étnica na sala de aula se não há uma intencionalidade para isso

Assim, o que observamos nas metodologias utilizadas no CMEI pesquisado, vem no sentido contrário ao que os documentos oficiais do Ministério da Educação apontam como metodologias e estratégias necessárias para a educação infantil. Dessa forma, os prejuízos na formação dessas crianças é bem claro no que tange aos aspectos sociais, uma vez que tem reforçado o preconceito étnico, difundindo estereótipos.

6 CONCLUSÃO

O desenvolvimento da pesquisa nos possibilitou as respostas das questões levantadas durante o processo de investigação. Com os resultados finais, podemos considerar que os professores da educação infantil ainda estão trabalhando na perspectiva de raças, o que os leva a um equívoco teórico e, assim, prático. Nos documentos oficiais do MEC em que as orientações para o trabalho com a diversidade étnica são dadas, percebemos a orientação para a valorização da pluralidade, mas ao mesmo tempo em que se trabalha essa valorização na perspectiva de raça, a conotação arbitrária da mesma e a concepção do termo por parte dos docentes traz a ideia de classificação de seres humanos.

Com as mudanças nos RCNEI's para o direcionamento das DCNEI's, e, após a inserção do tema em todas as políticas públicas educacionais para a minimização de desigualdades, pensávamos que o preconceito estava superado na prática escolar das instituições de educação infantil. Mas, ainda não é o que ocorre, vimos sua presença conforme nos mostram os resultados do estudo realizado no CMEI Beta, em torno dessa temática. E por essa prática ainda existir é que há necessidade de um trabalho com a diversidade étnica em sala de aula, para que aos poucos, se vá mudando a mentalidade, as posturas, os comportamentos e as atitudes preconceituosas acerca da diversidade étnica existente na sociedade.

O CMEI estudado tem o conhecimento dos documentos do MEC, bem como os utilizam para seus planejamentos, mas as metodologias e estratégias utilizadas, as concepções da prática docente na educação infantil, a falta de base sólida para o desenvolvimento de minimizações discriminatórias advindas da sociedade contemporânea – como por exemplo, o preconceito étnico – demonstram claramente que tais documentos não estão sendo efetivados na instituição de modo que esta cumpra os objetivos propostos para essa etapa da educação básica.

Há um mais distanciamento do que aproximação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. A visão dos professores quanto à diversidade étnica na instituição investigada, remete-nos ao mito da democracia instaurado na sociedade brasileira, demonstrando que mesmo com políticas públicas educacionais voltadas para a minimização de desigualdades, há a necessidade de pôr em prática o que essas políticas determinam, para que, assim, possamos colaborar para a mudança de ações e visões sobre a diversidade étnica.

Sabemos que a educação infantil não irá sozinha superar os preconceitos existentes no CMEIS, nas Secretarias Municipais e Estaduais de Educação, bem no país, mas a mesma pode

contribuir no que tange à construção de hábitos e atitudes de futuros adultos do Brasil. Nesse sentido, lançamos como sugestão para contribuir na prática dos professores acerca do trabalho em sala de aula com a diversidade étnica, que sua formação enquanto professor da educação infantil seja permanente, contínua e, que se possa trabalhar nos currículos oficiais dos Cursos de Pedagogia, documentos oficiais voltados para a diversidade étnica como as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas” e o “Plano de Ação” de tal documento. Dessa forma, acreditamos que a práxis do profissional dessa etapa da educação, estará efetivamente contribuindo para a minimização de estereótipos e preconceitos na sociedade.

O exercício da prática pedagógica em sala de aula na Educação Infantil tem sido, ainda, precário quanto ao reconhecimento do trabalho em torno da temática diversidade étnica. Isso tem colocado os professores diante de uma diversidade de situações-problemas, as quais nos têm suscitado interesse pela investigação, pela compreensão e pelo desejo de ver mudanças acontecerem na mentalidade educativa acerca dos vários estereótipos. Temos que lutar enquanto futuros profissionais da educação infantil, voltando nossa atenção para as diversidades étnico-culturais tão presentes em nossa cidade, Estado e País.

De um modo geral, as crianças são as mais atingidas pelos preconceitos presentes no interior da escola. Por apresentar comportamentos diferenciados, são considerados os “mais difíceis” ou “indisciplinadas” e com menor índice de rendimento. Costuma fazer um julgamento pouco satisfatório de si mesmos enquanto estudantes, se dizendo incapazes de realizar determinadas atividades. Até tentam realizá-las, mas, ao apresentarem dificuldades, desistem fácil; em outros casos nem tentam realizar, se recusam, envolvendo-se em qualquer outra atividade, menos naquela proposta pelo professor.

Tal situação vivenciada na sala de aula costuma resultar em uma distância maior ainda entre as expectativas que a escola tem em relação a essas crianças e o que elas, efetivamente, alcançam em termos de desempenho e de desenvolvimento das várias linguagens. Sabemos o quanto elas precisam avançar na construção de uma consciência crítica frente ao mundo circundante, criando um autoimagem positiva de si mesmas.

7 REFERÊNCIAS

AMERICAN ANTHROPOLOGICAL ASSOCIATION. **Statement on “Race” of 1988**. USA: AAA, 1988. Disponível em: <<http://www.aaanet.org/issues/policy-advocacy/AAA-Statement-on-Race.cfm>>. Acesso em: 14 dez. 2012.

ARCE, Alessandra. O Referencial Curricular nacional para a educação infantil e o espontaneísmo: (re)colocando o ensino como eixo norteador do trabalho pedagógico com crianças de 4 a 6 anos. In: _____; MARTINS, Lígia Márcia. (Orgs.). **Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil?** Em defesa do ato de ensinar. Campinas, São Paulo: Alínea, 2007. p 13-36.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70.

BASTOS, Vivian de Camargo. Espaço, tempo e cultura: a construção do meio social. In: FACULDADE EDUCACIONAL DA LAPA (Org.). **Fundamentos teóricos e metodológicos de ciências humanas e sociais na educação infantil**. Curitiba: Fael, 2010. p. 25-36.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1998)**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013.

_____. **Lei no 12.288, de 20 julho de 2010: Estatuto da igualdade racial**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica/Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos e conceituais**. São Paulo: CEERT, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas**. Brasília: CNE, 2004.

_____. **Documento Referência**. Brasília: CNE, 2004.

_____. **Lei n. ° 9.394, de 20.12.96: Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 6. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2011.

_____. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil**. Brasília: CNE, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação/Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares**

Nacionais para Educação das Relações Étnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: SEPPPIR, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. **Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para a construção de orientações curriculares para a Educação Infantil: Práticas cotidianas na Educação Infantil – Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares.** Brasília: SEF, 2009.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil.** Brasília: SEF, 1998, v. 3.

BRASIL, Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Programa Nacional dos Direitos Humanos.** Brasília: SDH/PR, 2010.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Etnias e Culturas no Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: Paralelo/MEC, 1972.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas.** São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GIROUX, Henry Armand. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional: Novas políticas em educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ITANI, Alice. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.). **Diferenças e Preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1998. p. 119-134.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos.** São Paulo: Ática, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História.** 10. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2010.

LIBANEO, José Carlos. **A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade.** *Educar.* Curitiba, n. 24. UFPR, 2004.

OLIVEIRA, Iolanda. **A formação de profissionais docentes para a educação das relações raciais nos planos nacionais da educação.** *Educação e Diversidade.* Pernambuco, v.1, n.9, 2011, p. 203-212.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração das Raças da Unesco**. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/nove/decla_racas_09.htm>. Acesso em: 22 ago. 2012.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2002.

POUTIGNAT, Philippe; FERNAT-STREIFF, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**: seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Unesp, 1998.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 7.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

ROCHA, Everardo Pereira Guimarães. **O que é etnocentrismo**. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1986.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. 3. ed. Brasília: UNB, 1994, p. 267-277.

WILSON, Betty (org.). **Mini Collins Dicionário Português-Inglês/ Inglês-Português**. São Paulo: Siciliano, 1991.

8. CRONOGRAMA

Nº	Descrição	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
		2012					2013						
1	Levantamento bibliográfico dos autores que auxiliarão na pesquisa acerca da temática a ser estudada.	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	
2	Observação dirigida dentro das salas de aula, para verificação das aproximações e distanciamentos entre a realidade do CMEI e as proposições do RCNEI.		R	R	R								
3	Entrevista semiestruturada com os professores para identificação da visão de cada um sobre o tema diversidade étnica					R	R						
4	Elaboração de relatório Parcial.												
5	Sistematização dos dados coletados.					R	R	R	R				

6	Análise dos dados coletados-sistematizados								R	R	R		
7	Revisão Bibliográfica e preparação para o Resumo e Relatório Final									R	R		
8	- Elaboração do Resumo e Relatório Final (atividade obrigatória)											R	
9	- - Preparação da Apresentação Final para o Congresso (atividade obrigatória)											R	R

9 APÊNDICES

9.1 APÊNDICE A

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DIRIGIDA.

- 1 - A importância desse tema diversidade étnica pela frequência que é trabalhado na sala de aula.
- 2 – O professor (a) utiliza algum objetivo e ou propostas de trabalho das DIRETRIZES CURRICULARES (ou de algum documento oficial do MEC) como base para o planejamento das atividades.
- 3 - Como o professor (a) tem explorado o tema diversidade étnica com as crianças. Que atividades são desenvolvidas.
- 4 - Os preconceitos étnicos que se manifestam com mais frequência dentro da sala de aula.
- 5 - Estratégias que o professor (a) utiliza para contornar situações de preconceito étnico na sala de aula.
- 6 – Interesse das crianças ao se trabalhar a diversidade étnica. Mudanças de comportamento no cotidiano do CMEI, relacionadas ao tema.
- 7 – As metodologias utilizadas têm contribuído para o alcance dos objetivos estabelecidos no RCNEI e nas Diretrizes Curriculares sobre a diversidade étnica.

9.2 APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.

- 1 - Qual a importância desse tema diversidade étnica na sua sala de aula?
- 2 - Você concorda com os objetivos e propostas de trabalhos do RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil em relação à diversidade étnica? Você os utiliza como base para o planejamento das atividades?
- 3 - Com que frequência você trabalha este tema?
- 4 - Como você tem explorado o tema diversidade étnica com as crianças? Quais as atividades são desenvolvidas?
- 5 - Quais preconceitos étnicos se manifestam com mais frequência dentro da sala de aula? Como as crianças reagem quando isso acontece?
- 6 - Quais estratégias você utiliza para contornar situações de preconceito étnico em sala de aula?
- 7 - As crianças se mostram abertas ao trabalho com a diversidade étnica? Que mudanças de comportamento relacionado ao tema elas têm revelado no cotidiano do CMEI?
- 8 - As metodologias utilizadas têm contribuído para o alcance dos objetivos estabelecidos no RCNEI e nas Diretrizes Curriculares?

10 ANEXO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO AMAZONAS – FUA (UFAM)

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Pesquisador: Antonia Silva de Lima

Título da Pesquisa: A diversidade étnica na educação infantil: minimizando desigualdades ou difundindo estereótipos?

Instituição Proponente: Fundação Universidade do Amazonas

Versão: 2

CAAE: 02570612.0.0000.5020

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 129.409

Data da Relatoria: 22/10/2012

Apresentação do Projeto:

A importância do trabalho com a diversidade étnica na educação infantil mostra-se pela necessidade de apresentar às crianças pequenas as diferentes etnias que historicamente compõem o Brasil e como a variação existente dentro da sala de aula ou fora dela deriva disso. É natural as crianças questionarem porque são diferentes das outras, cabe ao professor saber como trabalhar esse tema, que se trabalhado de forma equivocada pode trazer consequências como a discriminação e o preconceito. Nesse contexto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI's, mostram-se de grande valia propondo metodologias e recursos a serem utilizados referente ao tema diversidade étnica.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar as aproximações e distanciamentos entre a realidade do CMEI e as proposições das DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL para o trabalho com o tema diversidade étnica frente ao processo de formação pessoal e social da criança.

Objetivo Secundário:

- 1- Identificar a visão dos professores em relação á importância do tema diversidade étnico-cultural para o processo de socialização da criança pequena no espaço da pré-escola;
- 2- Discutir as metodologias e estratégias utilizadas, verificando se cooperam para a valorização das diversidades étnicas presentes na sala de aula.

Avaliação dos Riscos e Benefícios

Riscos:

Não há riscos, visto que a pesquisa se propõe a não ferir o trabalho que o professor faz em sala de aula, mas sim, contribuir para a melhoria dessa metodologia.

Benefícios:

A referida pesquisa contribuirá na avaliação de metodologias usadas para trabalhar a diversidade étnica na área da educação infantil trazendo assim, reflexões dos educadores sobre suas práticas dentro da sala de aula relacionadas a este tema. Assim como trará benefícios para as instituições de educação infantil, visto que surgirá a oportunidade de analisar e progredir sobre o tema referente. Além de contribuir para a sociedade em geral visto que as crianças são o futuro da nossa sociedade, e pretende-se dispor de pessoas mais solidárias, respeitadoras e entendedoras das variações nos mais diversos meios.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de cunho qualitativo, utilizará como caminho metodológico a pesquisa de campo. Pretende-se abordar o quadro de professores de crianças de 4 a 6 anos num total de 7 professores do turno vespertino do Centro Municipal de Educação Infantil Beta* localizado na Rua B-1, s/n, Japiim I.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Assim, no primeiro momento, fará um levantamento bibliográfico dos autores que auxiliarão na pesquisa acerca da temática a ser estudada.

No segundo momento, utilizará como instrumento de pesquisa a observação dirigida dentro das salas de aula, para verificação das metodologias e estratégias utilizadas.

No terceiro momento, utilizará como instrumento de pesquisa a entrevista Semiestruturada com os professores, identificando a visão de cada um sobre a importância do tema diversidade étnico-cultural na formação da criança pequena, bem como buscar identificar nas falas o que eles relatam sobre como estão trabalhando o tema em tela.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

São apresentados os seguintes termos:

- 1) Folha de rosto - adequada;
- 2) Cronograma - adequado;
- 3) Orçamento - adequado;
- 4) Termo de Anuência - adequado;
- 5) Roteiro de entrevista - adequado;
- 5) TCLE - adequado.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram atendidas as pendências solicitadas.

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O presente protocolo recebeu parecer pela pendência quando da primeira análise. A pesquisadora atendeu às solicitações do CEP/UFAM ajustando o protocolo ao que prevê a Res. CNS 196/96.

MANAUS, 23 de Outubro de 2012.

Assinado por:

Pedro Rodolfo Fernandes da Silva
(Coordenador)